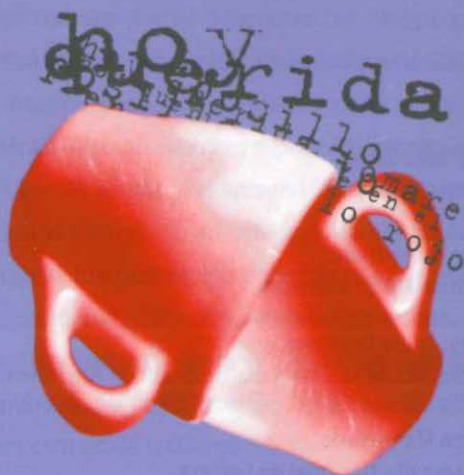


Ficcl

82 29718
1

As xícaras

Mario Benedetti



Mercosur lee

URUGUAY

"Los pocillos" de Mario Benedetti

en *Montevideo*

© Mario Benedetti

© Guillermo Schavelzon & asociados

Agradecemos la gestión de Mónica Herrero

Traducción al portugués: Laura Berchansky

Agradecemos la colaboración de la Embajada de Brasil en Argentina

Imagen de tapa: Mariana Monteserín

Diseño de colección: Campaña Nacional de Lectura

Colección: "Mercosur lee"

Ministerio de Educación, Ciencia y Tecnología

Unidad de Programas Especiales

Campaña Nacional de Lectura

Pizzurno 935. (C1020ACA) Ciudad de Buenos Aires. Tel: (011) 4129 1075

campnacionaldelectura@me.gov.ar - www.me.gov.ar/lees

República Argentina, 2005

AS XÍCARAS

MARIO BENEDETTI

INV

029718

SIG

Fell
82

As xícaras eram seis: duas vermelhas, duas negras, duas verdes, e além disso, importadas, inquebráveis, modernas. Havia chegado como presente de Enriqueta, para o último aniversário de Mariana, e desde aquele dia o típico comentário havia sido que cada xícara poderia combinar-se com um pratinho de outra cor. “Negro com vermelho fica ótimo”, havia sido a sugestão estética de Enriqueta. Mas Mariana, independentemente, havia decidido que cada xícara seria usada com o prato da mesma cor.

“O café já está pronto. Posso servi-lo?”, perguntou Mariana. Sua voz dirigia-se ao marido, mas ela olhava fixo para o cunhado. Ele pestanejou e não disse nada, mas José Cláudio respondeu: “Ainda não. Aguarde um pouco. Antes quero fumar um cigarro”. Agora sim ela olhou para José Cláudio e pensou, por mais uma vez, que aqueles olhos não se pareciam com os de um cego.

A mão de José Cláudio começou a mexer-se, examinando o sofá. O que é o que você está procurando?” perguntou ela. “O isqueiro”. “Está à sua direita”. A mão mudou de rumo e encontrou o isqueiro. Com o típico tremor de uma busca continuada, o polegar tentou girar a rodela várias vezes, mas a chama não apareceu. Já havia calculado a distância e a mão

esquerda tentava, sem sucesso sentir o calor do fogo. Então Alberto acendeu um fósforo e veio em sua ajuda. "Porque você não o joga fora?" disse, com um sorriso que, como todo sorriso para cegos, impregnava também as modulações da voz. "Não o joga fora porque sinto carinho por este isqueiro. É um presente de Mariana".

Ela abriu a boca e com a ponta da língua percorreu o lábio inferior. Era uma forma, como qualquer outra, de começar a se lembrar do passado. Aconteceu em março de 1953, quando ele fez trinta e cinco anos e ainda não tinha ficado cego. Haviam almoçado na casa dos pais de José Cláudio, em "Punta Gorda", tinham comido arroz com frutos de mar, e depois foram caminhar pela praia. Ele tinha colocado um braço em seus ombros e ela sentiu-se protegida, provavelmente feliz. Haviam voltado ao apartamento e ele a tinha beijado lentamente, amorosamente, como a beijara antigamente. Haviam usado o isqueiro pela primeira vez quando acenderam um cigarro que fumaram juntos.

Agora o isqueiro não funcionava. Ela não acreditava no acúmulo de razões simbólicas que esse fato continha pois depois de tudo que se passara, perguntava-se qual a utilidade daquela época?

"Este mês você também não foi ao médico", disse Alberto.

"Não fui, não."

"Quer que eu seja sincero com você?"

"Quero".

"Acho que é uma idiotice de sua parte".

“E para que preciso ir? Para ouvir o médico dizer que estou ótimo de saúde, que meu fígado funciona admiravelmente bem, que meu coração bate ao ritmo correto, que meus intestinos são uma maravilha? Por esse motivo você quer que eu vá? Estou aborrecido com minha de minha ótima saúde sem olhos”.

Na época anterior à cegueira José Cláudio nunca havia sido muito expressivo, mas Mariana não tinha esquecido de como era aquele rosto antes dele ter adquirido tanta tensão e ressentimento. Seu casamento havia passado por bons momentos, isso não podia nem queria esquecer. Mas, quando a desgraça chegou, ele havia recusado a sua proteção, ele não quis refugiar-se nela. Todo o orgulho dele concentrou-se num silêncio terrível, um silêncio que continuava existindo ainda que cercado de palavras. José Cláudio tinha renunciado a falar de si mesmo.

“Ainda assim você deveria ir”, assegurou Mariana Lembre-se do que sempre lhe dizia Menéndez”.

“Claro que eu me lembro: Para O Senhor Nem Tudo Está Perdido. Ah! e outra frase famosa: A Ciência Não Acredita em Milagres. Eu também não acredito em milagres”.

“E porque você não mantém uma esperança? É humano!”.

“Verdade?” Falou com o cigarro na boca.

Tinha se escondido de si mesmo. Mas Mariana não havia nascido para testemunhar isso. Mariana exigia outra coisa. Uma mulherzinha que demandava muito tato. Contudo, ela era bastante dócil. Era uma calamidade que ele não

pudesse ver; mas essa não era a pior desgraça. A pior desgraça era que ele havia decidido rejeitar, por todos os meios possíveis, a ajuda de Mariana. Ele menosprezava essa proteção. E Mariana teria adorado —sinceramente, carinhosamente— protegê-lo.

Bom, isso era antes; agora não era mais assim. A mudança tinha acontecido lentamente. Primeiro foi o declínio do afeto. O cuidado, a atenção, o apoio, que desde o começo estiveram cercados por uma constante auréola de carinho, agora eram atos mecânicos. Ela continuava sendo eficaz, disso não havia a menor dúvida, mas já não gostava de ser prestativa. Depois começou a ter um receio horrível frente à possibilidade de uma discussão qualquer. Ele estava agressivo, sempre propenso a ofender, a dizer o mais duro, a mostrar sua crueldade. Ele sempre encontrava, ainda nas ocasiões menos propícias, a injúria adequada, a palavra que chegava até o fundo, o comentário que mais feria. E sempre distante, favorecendo-se com sua cegueira, como se ela fosse um muro de contenção pelo incômodo estupor dos outros.

Alberto levantou-se do sofá e aproximou-se da janela.

“Que outono desafortunado”, disse Alberto. “Você viu?” A pergunta era para José Cláudio.

“Não”, respondeu José Cláudio. “Olha por mim”.

Alberto olhou para Mariana. Durante o silêncio sorriram. Apesar de José Cláudio, embora, por sua causa.

Prontamente, Mariana soube que havia ficado linda.

Sempre que olhava para Alberto, ela se sentia linda. Ele lhe

havia falado isso, pela primeira vez, na noite do dia vinte e três de abril do ano passado, fazia exatamente um ano e oito dias. Foi uma noite em que José Cláudio lhe havia falado aos gritos coisas muito ruins, e ela havia chorado, desanimada, triste, durante horas e horas, quer dizer, até que havia encontrado o ombro de Alberto e sentira-se compreendida e segura. De onde teria extraído Alberto essa capacidade para compreender as pessoas? Ela falava com ele, ou apenas o olhava e imediatamente sabia que ele a estava ajudando. “Obrigada”, disse-lhe. E agora a palavra chegava a seus lábios diretamente de seu coração, sem argumentações desnecessárias, sem interesse. No começo, o amor que Mariana sentia por Alberto tinha sido gratidão, por isso (que ela conseguia ver claramente) não conseguia desprezá-lo. Para ela, o querer sempre havia sido, por um lado agradecer um pouco e por outro lado mostrar sua gratidão. Nos bons tempos, Mariana havia ficado agradecida à José Cláudio, tão brilhante, lúcido e sagaz, pelo fato dele ter se interessado por ela, tão insignificante. Havia errado por outro lado, em estimular sua gratidão. Outra vez ela também tinha fracassado com ele, justamente, quando ele mais necessitava dela.

A Alberto, pelo contrário, ela agradecia o impulso inicial, a generosidade daquele primeiro socorro que a havia salvado do seu próprio caos, e, acima de tudo, a havia ajudado a ser forte. Por outro lado, ela havia provocado a sua gratidão. Porque Alberto era uma alma tranqüila, que tinha muito

respeito por seu irmão, um partidário do equilíbrio, mas também, definitivamente, era um solitário. Durante muito tempo, Alberto e ela tinham mantido uma relação carinhosa, que se limitava, discretamente a se tratarem por você e, somente em algumas ocasiões, surgia uma solidariedade mais profunda. Talvez Alberto invejava a aparente felicidade do seu irmão, a sorte de José Cláudio de ter achado uma mulher, que Alberto considerava encantadora. Na verdade, não fazia muito tempo que Mariana havia ouvido a confissão de que o impassível celibato de Alberto era devido ao fato que toda possível candidata era submetida a uma imaginária e desvantajosa comparação.

“E ontem você esteve em Trelles”, perguntou-lhe José Cláudio, “fui fazer a clássica visita que o pessoal da fábrica me dedica uma vez por trimestre. Imagino que devem escolher à sorte quem vai me visitar”.

“Pode ser que eles gostem de você”, disse Alberto, “talvez eles mantenham uma boa lembrança do tempo em que você era o diretor. Quiçá eles realmente estejam preocupados pela sua saúde. Nem sempre as pessoas são tão miseráveis como você acha ultimamente”.

“Que bom. Todos os dias pode-se aprender alguma coisa nova”. O sorriso foi acompanhado de um breve suspiro, para continuar o nível de ironia da conversa.

Quando Mariana procurou Alberto, em busca de proteção, de um conselho e de um carinho, ela também havia-se sentido protegida por ele. Ela achava que Alberto também

precisava de proteção, assim como ela também a necessitava. Mariana, perturbada por causa dos escrúpulos e do pudor, começou desesperar. Sentiu-se a responsável pela terrível situação. Ela havia provocado a gratidão de Alberto e, simplesmente, deixava que ele a protegesse com carinho, que foi acumulando durante tanto tempo. Assim, Alberto poderia adaptar à realidade aquelas imagens de Mariana. Mas logo a gratidão ultrapassou os limites. Como se tudo estivesse pronto para a mútua revelação, como se só faltasse que se olhassem nos olhos para confrontar e compensar seus desejos. Alguns dias depois a verdade foi dita e os encontros furtivos aconteceram. Mariana sentiu que seu coração havia crescido e que o mundo era apenas isso: Alberto e ela.

“Agora você pode esquentar o café”, disse José Cláudio. Mariana curvou-se sobre a mesinha para acender a mecha de álcool. Durante um momento ela desviou-se contemplando as xícaras. Só tinha trazido três, uma de cada cor. Ela gostava olhar as xícaras assim, compondo um triângulo.

Depois ela deitou-se no sofá e sua cabeça encontrou o que ela esperava: a mão quente de Alberto. Que delícia, meu Deus!. A mão começou a mexer-se suavemente e seus dedos longos e finos, se enfiavam em seus cabelos. A primeira vez que Alberto fez isso Mariana ficou muito aflita, com os músculos contraídos, ela não aproveitou a carícia. Agora era diferente. Agora ela estava tranqüila e podia sentir prazer. Ela achava que a cegueira de José Cláudio era como uma proteção divina.

Sentado frente a eles, José Cláudio respirava normalmente, quase com beatitude. Com o tempo, a carícia de Alberto converteu-se em um tipo de rito e, agora mesmo, Mariana tinha condições de adivinhar o próximo movimento. Como todas as tardes, a mão fez carícias no pescoço, roçou a orelha direita, tocou, lentamente, na bochecha e no queixo. Finalmente parou sobre os lábios entreabertos. Então ela, como todas as tardes, beijou, silenciosamente, aquela palma e, por um instante, fechou os olhos. Quando os abriu, o rosto de José Cláudio era o mesmo. Alheio, reservado, distante. Para ela, não obstante, esse momento sempre continha um pouco de receio. Um receio sem motivo, já que na prática dessa carícia púdica, arriscada, atrevida, ambos aprenderam uma técnica tão perfeita quanto silenciosa.

“Não o deixe ferver”, disse José Cláudio.

Alberto tirou a mão e Mariana, novamente, curvou-se sobre a mesinha. Retirou a mecha, apagou a chama com a tampa de vidro, encheu as xícaras com a cafeteira.

Todos os dias a distribuição das cores mudava. Hoje seria a xícara verde para José Cláudio, a negra para Alberto, a vermelha para ela. Pegou a xícara verde para entregar a seu marido, mas antes de deixá-la nas suas mãos, encontrou-se com um extraordinário e fechado sorriso. Encontrou-se, também, com umas palavras que soavam mais ou menos assim “Não, querida. Hoje eu quero beber na xícara vermelha.”

LOS POCILLOS

MARIO BENEDETTI

Los pocillos eran seis: dos rojos, dos negros, dos verdes, y además importados, irrompibles, modernos. Habían llegado como regalo de Enriqueta, en el último cumpleaños de Mariana, y desde ese día el comentario de cajón había sido que podía combinarse la taza de un color con el platillo de otro. “Negro con rojo queda fenomenal”, había sido el consejo estético de Enriqueta. Pero Mariana, en un discreto rasgo de independencia, había decidido que cada pocillo sería usado con su plato del mismo color.

“El café ya está pronto. ¿Lo sirvo?”, preguntó Mariana. La voz se dirigía al marido, pero los ojos estaban fijos en el cuñado. Éste parpadeó y no dijo nada, pero José Claudio contestó: “Todavía no. Esperá un ratito. Antes quiero fumar un cigarrillo”. Ahora sí ella miró a José Claudio y pensó, por milésima vez, que aquellos ojos no parecían de ciego.

La mano de José Claudio empezó a moverse, tanteando el sofá. “¿Qué buscás?” preguntó ella. “El encendedor”. “A tu derecha”. La mano corrigió el rumbo y halló el encendedor. Con ese temblor que da el continuado afán de búsqueda, el pulgar hizo girar varias veces la ruedita, pero la llama no apareció. A una distancia ya calculada, la mano izquierda trataba infructuosamente de registrar la aparición del calor. Entonces Alberto

encendió un fósforo y vino en su ayuda. "¿Por qué no lo tirás?" dijo, con una sonrisa que, como toda sonrisa para ciegos, impregnaba también las modulaciones de la voz. "No lo tiro porque le tengo cariño. Es un regalo de Mariana".

Ella abrió apenas la boca y recorrió el labio inferior con la punta de la lengua. Un modo como cualquier otro de empezar a recordar. Fue en marzo de 1953, cuando él cumplió treinta y cinco años y todavía veía. Habían almorzado en casa de los padres de José Claudio, en Punta Gorda, habían comido arroz con mejillones, y después se habían ido a caminar por la playa. Él le había pasado un brazo por los hombros y ella se había sentido protegida, probablemente feliz o algo semejante. Habían regresado al apartamento y él la había besado lentamente, amorosamente, como besaba antes. Habían inaugurado el encendedor con un cigarrillo que fumaron a medias.

Ahora el encendedor ya no servía. Ella tenía poca confianza en los conglomerados simbólicos, pero, después de todo, ¿qué servía aún de aquella época?

"Este mes tampoco fuiste al médico", dijo Alberto.

"No"

"¿Querés que te sea sincero?"

"Claro".

"Me parece una idiotez de tu parte".

"¿Y para qué voy a ir? ¿Para oírle decir que tengo una salud de roble, que mi hígado funciona admirablemente, que mi corazón golpea con el ritmo debido, que mis intestinos son una maravilla? ¿Para eso querés que vaya? Estoy podrido

de mi notable salud sin ojos”.

La época anterior a la ceguera, José Claudio nunca había sido un especialista en la exteriorización de sus emociones, pero Mariana no se ha olvidado de cómo era ese rostro antes de adquirir esta tensión, este resentimiento. Su matrimonio había tenido buenos momentos, eso no podía ni quería ocultarlo. Pero cuando estalló el infortunio, él se había negado a valorar su amparo, a refugiarse en ella. Todo su orgullo se concentró en un silencio terrible, testarudo, un silencio que seguía siendo tal, aun cuando se rodeara de palabras. José Claudio había dejado de hablar de sí.

“De todos modos deberías ir”, apoyó Mariana. “Acordate de lo que siempre te decía Menéndez”.

“Cómo no que me acuerdo: Para Usted No Está Todo Perdido. Ah, y otra frase famosa: La Ciencia No Cree en Milagros. Yo tampoco creo en milagros”.

“¿Y por qué no aferrarte a una esperanza? Es humano”.

“¿De veras?” Habló por el costado del cigarrillo.

Se había escondido en sí mismo. Pero Mariana no estaba hecha para asistir, simplemente para asistir, a un reconcentrado. Mariana reclamaba otra cosa. Una mujercita para ser exigida con mucho tacto, eso era. Con todo había bastante margen para esa exigencia; ella era dúctil. Toda una calamidad que él no pudiese ver; pero ésa no era la peor desgracia. La peor desgracia era que estuviese dispuesto a evitar, por todos los medios a su alcance, la ayuda de Mariana. Él menospreciaba su protección. Y Mariana hubiera querido —sinceramente,

cariñosamente, piadosamente— protegerlo.

Bueno, eso era antes; ahora no. El cambio se había operado con lentitud. Primero fue un decaimiento de la ternura. El cuidado, la atención, el apoyo, que desde el comienzo estuvieron rodeados por un halo constante de cariño, ahora se habían vuelto mecánicos. Ella seguía siendo eficiente, de eso no cabía dudas, pero no disfrutaba manteniéndose solícita. Después fue un temor horrible frente a la posibilidad de una discusión cualquiera. Él estaba agresivo, dispuesto siempre a herir, a decir lo más duro, a establecer su crueldad sin posible retroceso. Era increíble cómo hallaba a menudo, aun en las ocasiones menos propicias, la injuria refinadamente certera, la palabra que llegaba hasta el fondo, el comentario que marcaba a fuego. Y siempre desde lejos, desde muy atrás de su ceguera, como si ésta oficiara de muro de contención por el incómodo estupor de los otros.

Alberto se levantó del sofá y se acercó al ventanal.

“Qué otoño desgraciado”, dijo. “¿Te fijaste?” La pregunta era para ella.

“No”, respondió José Claudio. “Fijate vos por mí”.

Alberto la miró. Durante el silencio, se sonrieron. Al margen de José Claudio, y sin embargo, a propósito de él. De pronto Mariana supo que se había puesto linda. Siempre que miraba a Alberto, se ponía linda. Él se lo había dicho por primera vez la noche del veintitrés de abril del año pasado, hacía exactamente un año y ocho días: una noche en que José Claudio le había gritado cosas muy feas, y ella había llorado, desalentada, torpemente

triste, durante horas y horas, es decir, hasta que había encontrado el hombro de Alberto y se había sentido comprendida y segura. ¿De dónde extraería Alberto esa capacidad para entender a la gente? Ella hablaba con él, o simplemente lo miraba y sabía de inmediato que él la estaba sacando del apuro. "Gracias", había dicho entonces. Y todavía ahora la palabra llegaba a sus labios directamente desde su corazón, sin razonamientos intermedios, sin usura. Su amor hacia Alberto había sido en sus comienzos gratitud, pero eso (que ella veía con toda nitidez) no alcanzaba a despreciarlo. Para ella, querer había sido siempre un poco agradecer y otro poco provocar la gratitud. A José Claudio, en los buenos tiempos, le había agradecido que él, tan brillante, tan lúcido, tan sagaz, se hubiera fijado en ella, tan insignificante. Había fallado en lo otro, en eso de provocar la gratitud, y había fallado tan luego en la ocasión más absurdamente favorable, es decir, cuando él parecía necesitarla más.

A Alberto, en cambio, le agradecía el impulso inicial, la generosidad de ese primer socorro que la había salvado de su propio caos, y, sobre todo, ayudado a ser fuerte. Por su parte, ella había provocado su gratitud, claro que sí. Porque Alberto era un alma tranquila, un respetuoso de su hermano, un fanático del equilibrio, pero también, y en definitiva, un solitario. Durante años y años, Alberto y ella habían mantenido una relación superficialmente cariñosa, que se detenía con espontánea discreción en los umbrales del tuteo y sólo en contadas ocasiones dejaba entrever una solidaridad algo más profunda. Acaso Alberto envidiara un poco la aparente felicidad de su

hermano, la buena suerte de haber dado con una mujer que él consideraba encantadora. En realidad no hacía mucho que Mariana había obtenido la confesión de que la imperturbable soltería de Alberto se debía a que toda posible candidata era sometida a una imaginaria y desventajosa comparación.

"Y ayer estuvo Trelles", estaba diciendo José Claudio, "a hacerme la clásica visita adulona que el personal de la fábrica me consagra una vez por trimestre. Me imagino que lo echarán a la suerte y el que pierde se embroma y viene a verme".

"También puede ser que te aprecien", dijo Alberto, "que conserven un buen recuerdo del tiempo en que los dirigías, que realmente estén preocupados por tu salud. No siempre la gente es tan miserable como te parece de un tiempo a esta parte".

"Qué bien. Todos los días se aprende algo nuevo". La sonrisa fue acompañada de un breve resoplido, destinado a inscribirse en otro nivel de ironía.

Cuando Mariana había recurrido a Alberto, en busca de protección, de consejo, de cariño, había tenido de inmediato la certidumbre de que a su vez estaba protegiendo a su protector, de que él se hallaba tan necesitado de amparo como ella misma, de que allí, todavía tensa de escrúpulos y quizá de pudor, había una razonable desesperación de la que ella comenzó a sentirse responsable. Por eso, justamente, había provocado su gratitud, por no decírselo con todas las letras, por simplemente dejar que él la envolviera en su ternura acumulada de tanto tiempo atrás, por sólo permitir que él ajustara a la imprevista realidad aquellas imágenes de ella misma que había hecho

transcurrir, sin hacerse ilusiones, por el desfiladero de sus melancólicos insomnios. Pero la gratitud pronto fue desbordada. Como si todo hubiera estado dispuesto para la mutua revelación, como si sólo hubiera faltado que se miraran a los ojos para confrontar y compensar sus afanes, a los pocos días lo más importante estuvo dicho y los encuentros furtivos menudearon. Mariana sintió de pronto que su corazón se había ensanchado y que el mundo era nada más que eso: Alberto y ella.

“Ahora sí podés calentar el café”, dijo José Claudio, y Mariana se inclinó sobre la mesita ratona para encender el mecherito de alcohol. Por un momento se distrajo contemplando los pocillos. Sólo había traído tres, uno de cada color. Le gustaba verlos así, formando un triángulo.

Después se echó hacia atrás en el sofá y su nuca encontró lo que esperaba: la mano cálida de Alberto, ya ahuecada para recibirla. Qué delicia, Dios mío. La mano empezó a moverse suavemente y los dedos largos, afilados, se introdujeron por entre el pelo. La primera vez que Alberto se había animado a hacerlo, Mariana se había sentido terriblemente inquieta, con los músculos anudados en una dolorosa contracción que le había impedido disfrutar de la caricia. Ahora no. Ahora estaba tranquila y podía disfrutar. Le parecía que la ceguera de José Claudio era una especie de protección divina.

Sentado frente a ellos, José Claudio respiraba normalmente, casi con beatitud. Con el tiempo, la caricia de Alberto se había convertido en una especie de rito y, ahora mismo, Mariana estaba en condiciones de aguardar el movimiento próximo y

previsto. Como todas las tardes la mano acarició el pescuezo, rozó apenas la oreja derecha, recorrió lentamente la mejilla y el mentón. Finalmente se detuvo sobre los labios entreabiertos. Entonces ella, como todas las tardes, besó silenciosamente aquella palma y cerró por un instante los ojos. Cuando los abrió, el rostro de José Claudio era el mismo. Ajeno, reservado, distante. Para ella, sin embargo, ese momento incluía siempre un poco de temor. Un temor que no tenía razón de ser, ya que en el ejercicio de esa caricia púdica, riesgosa, insolente, ambos habían llegado a una técnica tan perfecta como silenciosa.

“No lo dejes hervir”, dijo José Claudio.

La mano de Alberto se retiró y Mariana volvió a inclinarse sobre la mesita. Retiró el mechero, apagó la llamita con la tapa de vidrio, llenó los pocillos directamente desde la cafetera.

Todos los días cambiaba la distribución de los colores. Hoy sería el verde para José Claudio, el negro para Alberto, el rojo para ella. Tomó el pocillo verde para alcanzárselo a su marido, pero antes de dejarlo en sus manos, se encontró con la extraña, apretada sonrisa. Se encontró además, con unas palabras que sonaban más o menos así “No, querida. Hoy quiero tomar en el pocillo rojo.”

Nació en Paso de los Toros, Uruguay, en 1920. Se educó en un colegio alemán y se ganó la vida como taquígrafo, cajero, vendedor, contable, funcionario público, periodista, traductor. De 1945 a 1975 hizo periodismo en el semanario *Marcha*, clausurado en esa fecha por la dictadura. Es autor de novelas, cuentos, poesía, teatro, ensayos, crítica literaria, crónicas humorísticas, guiones cinematográficos, letras de canciones. Ha publicado más de cuarenta libros y ha sido traducido a dieciocho idiomas. Sus novelas y cuentos fueron adaptados a la radio, la televisión y el cine. Su teatro ha sido representado en más de diez países. Fue director del Centro de Investigaciones Literarias de la Casa de las Américas, en La Habana, y del Departamento de Literatura Latinoamericana en la Facultad de Humanidades de Montevideo. Tras el golpe militar de 1973, renunció a su cargo en la Universidad y tuvo que exiliarse, primero en Argentina y luego en Perú, Cuba y España. En 1987 recibió el Premio Llama de Oro de Amnistía Internacional por su novela *Primavera con una esquina rota*.

Sus obras: *La víspera indeleble* (1945), *Peripécia y novela* (1948), *Esta mañana* (1949), *Sólo mientras tanto* (1950), *Marcel Proust y otros ensayos* (1951), *El último viaje y otros cuentos* (1951), *Quien de nosotros* (1953), *Poemas de oficina* (1956), *Montevideanos* (1959), *La tregua* (1960), *El país de la cola de paja* (1960), *La literatura uruguaya del siglo XX* (1960), *Poemas del hoyporhoy* (1961), *Ida y vuelta* (1963), *Gracias por el fuego* (1965), *Contra los puentes levadizos* (1966), *Sobre artes y oficios* (1968), *La muerte y otras sorpresas* (1968), *Cuaderno Cubano* (1969), *El cumpleaños de Juan Ángel* (1971), *Crónicas del 71* (1972), *El escritor latinoamericano y la revolución posible* (1974), *Con y sin nostalgia* (1977), *La casa y el ladrillo* (1977), *Pedro y el capitán* (1979), *El recurso del supremo patriarca* (1979), *Inventario* (1950-1980), *Primavera con una esquina rota* (1982), *El desexilio y otras conjeturas* (1984), *Geografías* (1984), *Despistes y franquezas* (1990), *La borra del café* (1992), *Perplejidades de fin de siglo* (1993) y *El olvido esta lleno de memoria* (1995). Su última novela es *Andamios* y sus últimos libros de poesías *La vida ese paréntesis* y *Rincón de Haikus*.

Su obra poética está recogida en *Inventario Uno* (1950-1985), e *Inventario Dos* (1986-1991), *Cuentos Completos* (1994).



PRESIDENCIA *de la* NACIÓN

MINISTERIO *de*
EDUCACIÓN
CIENCIA y TECNOLOGÍA



Organización
de Estados
Iberoamericanos

Para la Educación,
la Ciencia
y la Cultura

